

**Ponte aérea.** Agrippina (abaixo) com trabalho de sua autoria na EAV, no Rio, e Lyz (à direita) em seu ateliê, em São Paulo: em comum, obras que alertam para a transfobia

LEOMARTINS



NELSON GOBBI  
nelson.gobbi@oglobo.com.br

**L**yz Parayzo é carioca, vive em São Paulo e integra a coletiva “Mulheres na Coleção MAR”, no Museu de Arte do Rio, com uma de suas “joias bélicas”: um pequeno anel com uma ponta afiada, como uma garra. Agrippina R. Manhattan, nascida em São Gonçalo, mostra “Linha e agulha”, trabalho em LED, e o desenho “Transfobia” na exposição “Formação e deformação”, que divide com outros artistas na Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage. As duas se destacam entre criadores que abordam questões de gênero, com produção que vem sendo classificada como “arte trans”.

Indicada ao Prêmio Pipa em 2017, Lyz é um exemplo de como esta produção começa a conquistar espaço, ainda que de forma lenta, no mercado de arte e instituições. A artista de 24 anos integrou a coletiva “Histórias da sexualidade” no Masp, em 2017, e tem obras na coletiva “Adorno político” no Porto, em Portugal, em cartaz até este domingo. No dia 26, ela participa da coletiva “Jungle juice — The Guerrilla Quens”, no Centro Cultural Casa da Luz, também na capital paulista. Um reconhecimento que, ela sabe, está longe de garantir espaço no mercado.

—Galerias e museus para mim são lugares de disputa. Não é por acaso que

muitos dos meus trabalhos são como armas, eu retrato a violência que recebo diariamente — ressalta Lyz, lembrando as duas horas de ônibus que levava para ir de casa, em Campo Grande, até a EAV, no Jardim Botânico, onde era bolsista. —Há um discurso de inclusão no meio, mas ninguém quer dividir espaço com um corpo “bicha”, periférico. Temos que transformar este material simbólico em capital econômico.

#### ATUAÇÃO EM CURADORIA

Com trajetória semelhante à de Lyz, Agrippina, de 21 anos, cursa a Escola de Belas Artes da UFRJ, e trabalha no educativo do Museu de Arte Contemporânea (MAC) de Niterói. Além de ter obras na coletiva da EAV, ela também apresenta na escola, até domingo, a série de debates “Edu-ca-ti-vo”, que aborda o encontro como prática pedagógica e artística.

A artista também foi cocuradora, junto ao curador da EAV, Ulisses Carrilho, do educativo da mostra “Queer-museu”, montada na escola em agosto de 2018. No ano passado, ela também curou a mostra “A retomada da imagem será a presença”, na Galeria Oriente, que, além de Lyz, contava com obras de Anna Matheus Abbade, Elle de Bernardini, Giorgia Narciso, Tertuliana Lustosa e Yna Kabe Rodriguez.

— Além da minha produção como artista, penso na minha carreira como curadora e professora. É preciso ocupar estes lugares de tomada de decisão, para acabar com a transfobia institucio-



“Há um discurso de inclusão no meio, mas ninguém quer dividir espaço com um corpo ‘bicha’, periférico. Temos que transformar este material simbólico em capital econômico”

**Lyz Parayzo,**  
artista

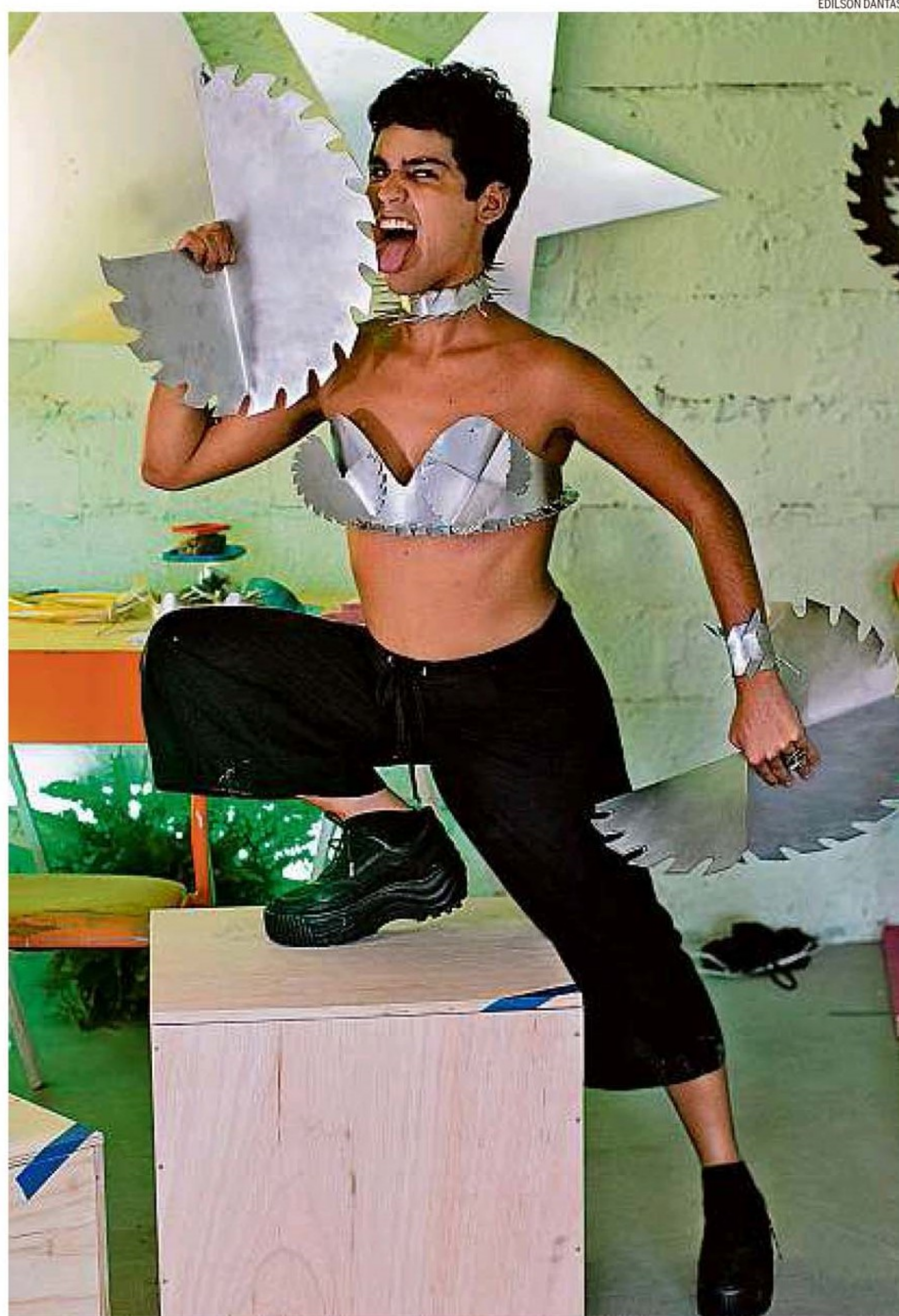
“É preciso ocupar estes lugares de tomada de decisão, para acabar com a transfobia institucional. Se um curador quiser nos restringir apenas a um lugar de gênero, podemos fazer melhor”

**Agrippina R. Manhattan,**  
artista

## ARTE TRANS OLHARES QUE DESAFIAM CONVENÇÕES

**EM ALTA,** Lyz Parayzo e Agrippina Manhattan ganham espaço em instituições ao apresentar novas abordagens de gênero em suas obras

EDILSON DANTAS



nal. Se um curador quiser restringir apenas a um lugar de gênero, podemos fazer melhor — comenta Agrippina, que se define como travesti. — Me coloco assim como forma de luta, existe uma história por trás dessa denominação.

Ulisses Carrilho diz que, antes de serem artistas trans, as duas são grandes artistas. Para o curador, a ressonância de obras como a delas demonstra como as instituições precisam se adequar à sociedade:

— Esta projeção é reflexo de uma luta contra anos de silenciamento, e é incontornável. Não forram as instituições que abriram suas portas, essa produção conquistou seu espaço.

Outro ponto em comum entre Lyz e Agrippina são as conexões com a história da arte brasileira. A série com a qual a primeira trabalha no momento são as “Bixinhas”,

objetos metálicos serrilhados que remetem aos “Bichos” de Lygia Clark. Já “Transfobia” — que também está presente como um vídeo na exposição “Bela verão”, em cartaz no Galpão Bela Maré — faz referência a “Burocracia”, série de Anna Bella Geiger.

#### REFERÊNCIA A OITICICA

O próprio nome da artista toma emprestado o título de uma obra de Hélio Oiticica, o curta “Agripina é Roma-Manhattan”, de 1972.

— Não considero homenagem, até porque artistas como a Anna Bella e o Hélio já recebem muitas. Mas são referências — comenta Agrippina. — Fiz a citação ao “Burocracia” porque ela é uma forma de manter a hegemonia de gênero, quando se obriga uma pessoa trans a usar seu nome de registro.

Na opinião das duas, é impossível separar questões de

gênero de outros recortes, como etnia e classe social. Estes cruzamentos inspiraram Lyz em algumas de suas obras, como as performances “Manicure política” (em que ela monta seu “Salão Parayzo” e faz as unhas do público) e “Putinha terrorista” (na qual ela invade galerias e distribui panfletos com sua foto nua, seguindo a estética dos anúncios de prostituição). Hoje, entrando pela porta da frente, ela considera que o termo “arte trans” pode ajudar a conquistar estes territórios, mas evita ficar presa a “uma caixinha”:

— É importante levantar essas bandeiras, como outras das chamadas minorias fizeram, como mulheres e negros. Mas sem limitar a produção de um artista a seu gênero. Basta inverter a ordem, para pensarmos como soaria estranho se falar em “arte branca” ou “arte hétero”.

# Paraense de performances premiadas

Rafael Bqueer disputa Prêmio Marcantonio Vilaça, um dos mais importantes do país, e vai para residência artística em NY

## ARTES VISUAIS

### Da redação\*

O Prêmio Marcantonio Vilaça - referência em artes plásticas no Brasil - anunciou os 30 finalistas de sua sétima edição durante a feira "SP-Arte", que ocorre até hoje na capital paulista e é tida como a maior e mais relevante feira de arte do hemisfério Sul. Os finalistas vão expor suas obras e concorrem a uma bolsa de R\$ 50 mil, no prêmio que homenageia processos relacionados à produção industrial, e que neste ano celebra a pintora, gravadora, escultora e desenhista Anna Bella Geiger. Entre eles, está o paraense Rafael Bqueer, atualmente radicado no Rio de Janeiro.

Mas nem bem comemorou a indicação, e Rafael já foi surpreendido com outra ótima notícia: ele também ganhou uma bolsa de residência artística na concorrida AnnexB, em Nova York, por meio da Escola de Artes Visuais do Parque Lage (RJ). "Sou formado pelo curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Pará. Concluí minha graduação e vim morar no Rio de Janeiro, em busca de mais oportunidades de trabalho como artista visual e pesquisador. Em 2013 eu participei de uma bolsa de mobilidade acadêmica na Escola de Belas Artes da UFRJ. E desde então venho participando de diversos editais, atuando em exposições de museus e cen-



Objeto-performance sem título de Rafael Bqueer.  
FOTO: LORENA PAZZANESE/DIVULGAÇÃO

tros culturais de todo o Brasil", comemora o artista.

Mais do que um reconhecimento pelo seu trabalho, Rafael entende os méritos obtidos como oportunidade de passar uma mensagem por meio de sua arte provocadora. "Ocupar os espaços de poder é um ato político. Reivindico em meu trabalho uma urgente reparação histórica da sociedade com os corpos afro-indígenas e LGBTQ's. Meu corpo amazônico borra as fronteiras geográficas

desse país continental, e luta por uma maior inserção de artistas do Norte e Nordeste nos espaços institucionais de arte do Sudeste e demais regiões do Brasil", pontua.

"Minha luta é a luta de diversas gerações de minha família, de meus pais, de meus avós e de todos que batalharam por oportunidade e por igualdade frente as injustiças sociais históricas que massacram a população periférica/dissidente e afro-ameríndia do Bra-

sil. Ser indicado ao Prêmio Marcantonio Vilaça sem dúvida representa uma resistência e uma grande vitória frente ao atual cenário da política do desmonte da educação, da arte e da cultura que estamos vivendo hoje em nosso país", diz o artista, que atua também em pesquisas como Drag Queen com sua persona Uhura Bqueer.

### PRÊMIO NACIONAL

Pela primeira vez, foram escolhidos nomes de todas

as regiões do país para o Marcantonio Vilaça. Além de Bqueer, foram selecionados os artistas Alan Adi (SE), Aline Motta (RJ), Ana Hupe (RJ), Ana Mazzei (SP), Ana Teixeira (SP), Anna Costa e Silva (RJ), Clara Ianini (SP), Dalton Paula (GO), Dora Longo Bahia (SP), Eduardo Frota (SP), Fabrício Lopez (SP), Guto Lacaz (SP), Haesbaert (RS), Isabela Prado (MG), Ismael Monticelli (RS), João Modé (RJ), Juliana Notari (PE), Letícia Ramos (RS), Livia Flores (RJ)

Mônica Nador (SP), Nydia Negromonte (MG), Osvaldo Carvalho (RJ), Pedro França (SP), Pedro Marighella (BA), Raquel Nava (DF), Rodrigo Bueno (CE), Ueliton Santana (AC), Vitor Cesar (CE) e Vivian Caccuri (SP).

A exposição dos finalistas, na qual serão conhecidos os vencedores, ocorre em setembro, no Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado (MAB - FAAP), em São Paulo.

\*Com informações de Fohapress

MEU NOME É GAMMA,  
MAS PODE ME CHAMAR DE

# Marabá

PARABÉNS, MARABÁ POR 106 ANOS

gamma  
comunicação



## IGARAPÉ-MIRI FESTA DOS SUJOS ABRE PRÉ-CARNAVAL

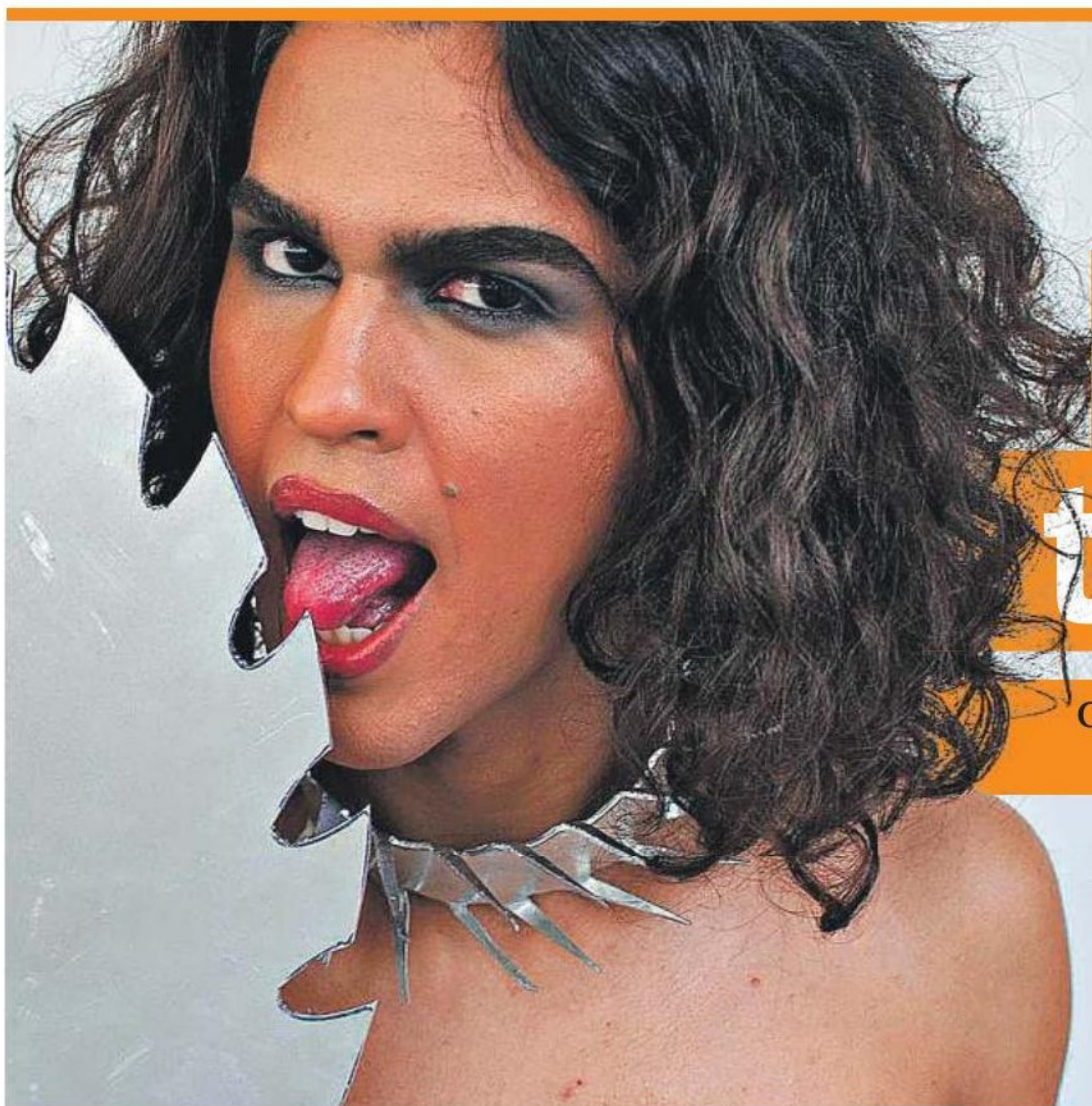
PÁGINA 4

## ENTERRO MARCELO YUKA GANHA HOMENAGENS

PÁGINA 5

# Você

Hoje editam este caderno Aline Monteiro e Esperança Bessa @diariodopara /DOLdiarioonline cadernovoco@diariodopara.com.br



## Arte que transcende

Criadores usam a questão de gênero como militância artística

A artista trans Lyz Parayze brinca com peças de sua série mais recente, "Bichinha". Abaixo o desenho "Transfobia", de Agrippina R. Manhattan. FOTOS: DIVULGAÇÃO

### RESISTÊNCIA

Nelson Gobbi  
AGÊNCIA O GLOBO

Lyz Parayze é carioca, vive em São Paulo e integra a coletiva "Mulheres na Coleção MAR", no Museu de Arte do Rio, com uma de suas "joias bélicas": um pequeno anel com uma ponta afiada, como uma garra. Agrippina R. Manhattan, nascida em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, mostra "Linha e Agulha", trabalho em LED, e o desenho "Transfobia" na exposição "Formação e Deformação", que divide com outros artistas na Escola de Artes Visuais (EAV). As duas se destacam entre criadores que abordam questões de gênero, com produção que vem sendo classificada como "arte trans".

Indicada ao Prêmio Pipa em 2017, Lyz é um exemplo de como esta produção começa a conquistar espaço, ainda que de forma lenta, no mercado de arte e instituições. A artista de 24 anos integrou a coletiva "Histórias da Sexualidade" no Masp, em 2017, e teve obras na coletiva "Adorno Político", em cartaz até ontem no Porto, em Portugal. No dia 26, ela participa da coletiva "Jungle Juice - The Guerrilla Queens", no Centro Cultural Casa da Luz, também na capital paulista. Um reconhecimento que, ela sabe, está longe de garantir espaço no mercado.

"Galerias e museus para mim são lugares de disputa.

Não é por acaso que muitos dos meus trabalhos são como armas, eu retrato a violência que recebo diariamente", ressalta Lyz. "Há um discurso de inclusão no meio, mas ninguém quer dividir espaço com um corpo 'bicha', periférico. Temos que transformar este material simbólico em capital econômico", diz.

Com trajetória semelhante à de Lyz, Agrippina, de 21 anos, cursa a Escola de Belas Artes da UFRJ, e trabalha no educativo do Museu de Arte Contemporânea (MAC) de Niterói. A artista também foi curadora, junto ao curador da EAV, Ulisses Carrilho, do educativo da mostra "Quermuseu", montada na escola em agosto de 2018.

"Além da minha produção como artista, penso na minha carreira como curadora e professora. É preciso ocupar estes lugares de tomada de decisão, para acabar com a transfobia institucional. Se um curador quiser nos restringir apenas a um lugar de gênero, podemos fazer melhor", comenta Agrippina, que se define como travesti. "Me coloco assim como forma de luta, existe uma história por trás dessa denominação", justifica.

Ulisses Carrilho diz que, antes de serem artistas trans, as duas são grandes artistas. Para o curador, a ressonância de obras como a delas demonstra como as instituições precisam se adequar à sociedade. "Esta projeção é reflexo de uma luta contra anos de silenciamento, e é incontornável. Não foram as instituições que abriram suas portas, essa

produção conquistou seu espaço", avalia.

Outro ponto em comum entre Lyz e Agrippina são as conexões com a história da arte brasileira. A série com a qual a primeira trabalha no momento são as "Bixinhas", objetos metálicos serrilhados que remetem aos "Bichos" de Lygia Clark. Já "Transfobia" faz referência a "Burocracia", série de Anna Bella Geiger. O próprio nome da artista toma emprestado o título de uma obra de Hélio Oiticica, o curta "Agripina é Roma-Manhattan", de 1972.

Na opinião das duas, é impossível separar questões de gênero de outros recortes, como etnia e classe social. Estes cruzamentos inspiraram Lyz em algumas de suas obras, como as performances "Manicure Política" (em que ela monta seu "Salão Parayze") e faz as unhas do público) e "Putinha Terrorista" (na qual ela invade galerias e distribui panfletos com sua foto nua). Hoje, entrando pela porta da frente, ela considera que o termo "arte trans" pode ajudar a conquistar estes territórios, mas evita ficar presa a "uma caixinha".

"É importante levantar essas bandeiras, como outras das chamadas minorias fizeram, como mulheres e negros. Mas sem limitar a produção de um artista a seu gênero. Basta inverter a ordem, para pensarmos como soaria estranho se falar em 'arte branca' ou 'arte hétero'", ensina.

“ Não foram as instituições que abriram suas portas, essa produção conquistou seu espaço”

Ulisses Carrilho, curador



TRANS-FO-BI-A

CONTINUE LENDO  
PÁGINA 2

AtoresCURSOS



10%  
DE DESCONTO  
PARA ESTUDANTES  
COMO PRA PAGAMENTO À VISTA

## CURSOS INTENSIVOS PARA CHEGAR RAPIDINHO AO MERCADO

INSCRIÇÕES ABERTAS/Turmas em fevereiro

DESIGN GRÁFICO BÁSICO  
(artes para web e impressos)

EXCEL  
(Planilhas eletrônicas para administração, logística...)

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL  
(edição e efeitos em vídeo)

INFORMÁTICA BÁSICA  
(windows, excel, powerpoint e internet)

INFORMÁTICA AVANÇADA  
(avançado word, excel, powerpoint e internet)

BÁSICO DE FOTOGRAFIA  
(da teoria à prática para iniciantes)

DESIGN GRÁFICO PREMIUM  
(Conteúdo avançado de produção gráfica para impressos e web)

FILMAGEM PARA INICIANTES  
(produção profissional)

ORATÓRIA  
(para se expressar melhor em público)

CONSTRUÇÃO DE SITES  
(com WordPress para designers)

REVIT  
(modelagem em 3D para arquitetos)

AUTOCAD 2D  
(projetos arquitetônicos)

www.atores.com.br

3228 0494/ 98092 3752/98836 5237

Inscrições Atores Design, Av. Alm. Barroso, nº 1418 altos, entre Mauriti e Estrela, próximo ao Hospital Porto Dias. Horário comercial.